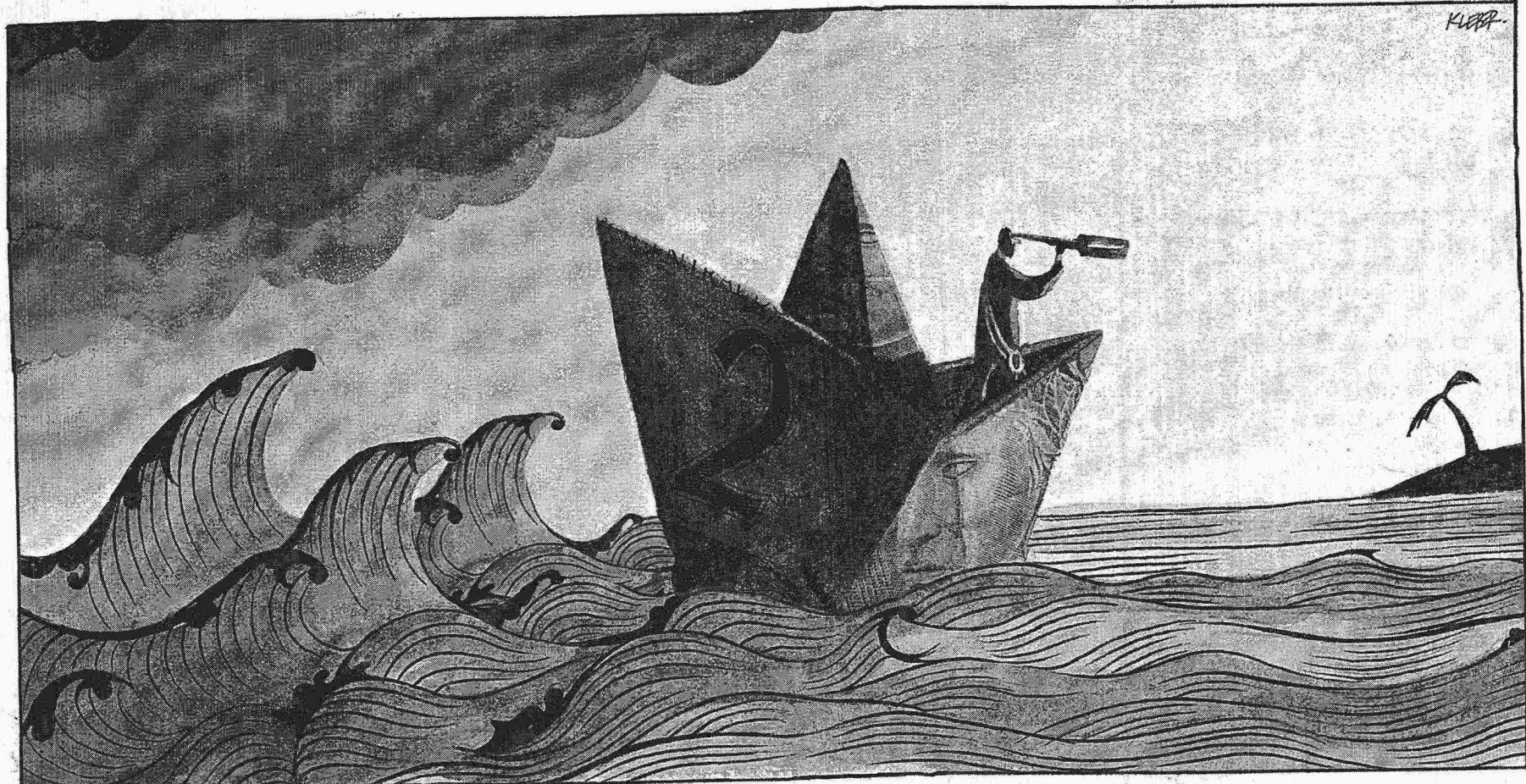


# POLÍTICA ECONÔMICA

Tranqüilidade dos mercados vai ser determinada pelos perfis dos escolhidos para ocupar o Ministério da Fazenda e o Banco Central no segundo mandato



## Analistas aguardam indicados

MARCELO TOKARSKI  
E EDNA SIMÃO

DA EQUIPE DO CORREIO

80

O princípio de incêndio que tomou conta do governo, logo após a eleição presidencial, não chegou a perturbar os indicadores econômicos. Integrantes do alto escalão federal lançaram declarações defendendo mudanças no foco central da política econômica. Ao invés de metas de inflação, metas de crescimento. A pressão é para que a economia brasileira cresça 5% ao ano, desempenho que durante o primeiro mandato de Lula só chegou perto em 2004. Desconfiados, os agentes financeiros começaram a especular sobre mudanças na equipe econômica, com a troca do ministro da Fazenda, Guido Mantega, e do presidente do Banco Central (BC), Henrique Meirelles.

Mas o curto-círcuito foi logo apagado. O bombeiro Lula entrou em cena, desautorizou ministros, garantiu o combate rigoroso à inflação — marca de seu

primeiro mandato — e anunciou que Mantega continua na Fazenda, pelo menos por enquanto. O presidente também ligou para Meirelles e, embora não tenha garantido sua permanência no BC, acabou por tranqüilizar os investidores. Foi o suficiente para o mar voltar a ficar tranqüilo.

“O mercado recebeu bem o desfecho da eleição. Ele só tende a ficar volátil e sair desse cenário de calmaria, caso os eventuais indicados (para a equipe econômica) forem nomes desconhecidos, que possam gerar desconfiança. A troca em si, se for feita por pessoas competentes e com determinado perfil, não assusta em nada”, resume Jorge Knauer, gerente de câmbio do banco Prosper. Segundo ele, até mesmo a eventual substituição do presidente do Banco Central, Henrique Meirelles, poderia ser facilmente digerida, desde que o substituto não fosse alguém do meio político.

Para outro analista, que prefere não se identificar, o mercado entende que o discurso do minis-

**66**  
**NÃO ACREDITO QUE O  
PRESIDENTE LULA VÁ  
ABRIR MÃO DO QUE FEZ  
DURANTE QUATRO ANOS  
PARA SE PAUTAR POR  
DISCURSO POLÍTICO**

Pedro Bartolomei,  
economista-chefe da  
Grau Gestão de Ativos

tro Tarso Genro — que falou no fim da “era Palocci” — nada mais foi do que um “balão de ensaio” da ala desenvolvimentista do governo. “Eles estão tentando medir qual espaço terão no segundo mandato. Ainda em 2003, no primeiro ano do governo, eles plantaram notícias de que o Meirelles, principal responsável pelo rigor da política econômica, iria deixar o governo. E ele está no cargo até hoje”, lembra.

Para não deixar dúvidas, Lula mandou um recado até aos mercados internacionais. Em entrevista concedida a alguns dos principais jornais do mundo, publicada na sexta-feira, o presidente reeleito disse que a taxa de juros continuará caindo, como já ocorre há alguns meses. No entanto, assegurou a manutenção do rigor no controle da inflação. “O controle da inflação continua sendo a prioridade, por conta de seu considerável impacto na renda do pobre. Não podemos permitir nenhum passo em falso nessa área”, disse.

Na avaliação do economista-chefe da Grau Gestão de Ativos, Pedro Paulo Bartolomei, o presidente Lula sabe que uma forte guinada na política econômica provocaria um nível muito grande de ruídos no mercado financeiro. “Ele não vai mudar nada, justamente agora que o comportamento da economia está extremamente benigno. Na minha opinião, os desenvolvimentistas continuarão restritos ao BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social)”, brinca o analista.

Roberto Padovani, economista da Consultoria Tendências, também acredita que o mercado não trabalha com mudanças na condução da política econômica do país. Segundo ele, o discurso de aumentar gasto público e reduzir juros não é compatível com o ajuste fiscal, regime de metas de inflação e câmbio flutuante. “Não acredito que o presidente Lula vá abrir mão do que fez durante quatro anos para se pautar por discurso político”, afirmou.

Segundo o analista, ao assumir o governo Lula mudou o discurso histórico e acabou reeleito justamente por causa disso — com a inflação baixa, a poder aquisitivo das pessoas melhorou. Na avaliação dele, o mercado não está levando a sério essa discussão entre desenvolvimentistas e monetaristas. Padovani acredita que o crescimento virá não pela redução dos juros, mas com a ampliação de investimentos, públicos e privados. “Vai ter crescimento nos próximos anos, mas o patamar vai depender dos investimentos feitos”, explicou.